

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

O intelectual e o poder

Não é possível que o Brasil – incluindo aí não só a oposição, mas também boa parte daquilo que os publicitários chamam de mídia – continue conferindo grandiloquência a ligeirezas fora de contexto e não dê a mesma importância a um debate fundamental como o proposto pelo presidente Fernando Henrique Cardoso na entrevista que deu a Roberto Pompeu de Toledo, na revista *Veja* desta semana.

Enquanto a nação perde tempo na contabilidade dos símbolos do Real – ora frangos, ora dentaduras, vez por outra potes de iogurte – ou mesmo joga conversa fora discutindo se a presidência da República está nas mãos de Antônio Carlos Magalhães ou de Sérgio Motta, Fernando Henrique produz uma reflexão serena daquilo que, como intelectual, pretende sejam os rumos para o país.

Quem leu o livro de Norberto Bobbio cujo título é emprestado a este artigo saberá estabelecer as diferenças entre o pensamento doutrinário e as ações de governo. Não são excludentes, muito menos contraditórias.

A entrevista em questão, no lugar de se transformar no alvo das críticas rasteiras que já ameaçam reconduzir o debate nacional à pequenez habitual, deveria servir como ponto de partida para uma discussão adulta que nos conduzisse à construção de novas relações entre a sociedade, seus partidos e representantes, e o poder central.

Mas as primeiras reações mostram que nesses tristes trópicos ainda há léguas a percorrer antes de chegarmos a um estágio de maturidade que permita o enfrentamento sincero das questões brasileiras.

Ataca-se na impossibilidade, ou na falta de vontade, de responder consistentemente às críticas – “esquerda que não tem sentimento de transformação, que é contra reformas, não é esquerda” –, de encarar com franqueza e ausência de preconceito as razões de governo ali expostas, de reconhecer – talvez por medo de se confundir com os embasbacados ou adesistas de plantão – que governar é também pensar o país.

De um lado, falou-se que o presidente foi arrogante quando assumiu para si a condição de esquerda e apontou a opção pelo atraso feita por quem se pretende progressista. “A esquerda não pensa, não quer aprovar as reformas e, na

verdade, está garantindo as condições para a existência futura do neoliberalismo, pois o Estado vai quebrar e o que vai sobrar é o mercado”, anotou FH.

O presidente, que em outras ocasiões foi verdadeiramente arrogante, nessa desse pecado não padeceu. “Quem pode ser majestosa e silenciosa numa situação como a brasileira é a direita, porque o poder dela não depende da palavra, mas da caneta...”. “Não é possível que haja gente que, em certos momentos, não sente comigo – não para concordar, mas para perguntar por que se fez isso ou aquilo, para criticar melhor.”

De outro lado, houve tentativa de desqualificar o conteúdo do discurso com o velho e gasto argumento segundo o qual Fernando Henrique não pratica o que elabora intelectualmente porque sua base de sustentação não permite ou porque, de fato, falseia a verdade ou ainda porque, realmente, vive uma esquizofrênica simbiose entre seu passado de intelectual de esquerda e seu presente de governante neoliberal.

As respostas de Fernando Henrique a esses pressupostos estão todas na entrevista. Bem como a proposta para que a oposição coloque os assuntos “na arena pública” e argumente, “tente convencer, discuta os temas diretamente, sem ser no campo da retórica”, pois, segundo ele, “se o país não percebe que as oposições são capazes de tomar as rédeas, não vai lhes dar o poder”.

Onde foi que o presidente ofendeu alguém, que mentira falou, para que se justifique tão irada reação à exposição de pensamentos que não tem outro objetivo além do de explicitar o que pensa o governante?

Numa sociedade madura, o normal seria que às teses defendidas por Fernando Henrique se contrapusessem antíteses igualmente embasadas nas razões dos que são por ele criticados. Mas, ao contrário disso, o que se produziu foram arreganhos rasos que nada mais conseguiram do que levar à conclusão de que FH provavelmente disse verdades impossíveis de serem contestadas.

Muito pouco ou quase nada se falou além da tradicional mesmisse. E o que desalenta é que muitos dos que reagiram publicamente contra fazem o mesmo discurso de FH no particular. Sem tirar nem pôr, usam até os mesmos termos – a defesa da democracia radical, por exemplo – que agora sentem-se no dever público de rejeitar apenas porque saíram da boca do presidente. Esse tipo de postura não é honesto nem maduro.

Revela antes que, mais que atrasada, aliada dos “coroneiros” da base de sustentação que restou a FH em 1994 (a esquerda tinha sua própria candidatura e não apoiou o plano de estabilização), certa oposição caberia justa na condição do poeta fingidor, de Fernando Pessoa.

Fingindo tão completamente que finge não acusar o golpe que deveras sente.

Se fosse madura, a oposição produziria antíteses consistentes para contrapor às teses de FH